

# Alerta. Sapo invasor ameaça fauna única de Madagascar

**Biodiversidade.** Grupo internacional de cientistas que inclui biólogo português descobriu que aquele anfíbio veio do Camboja e Vietname

FILOMENA NAVES

Chegou provavelmente por mar, a bordo de algum navio, como muitas vezes acontece com as espécies exóticas, que acabam depois por se instalar e ganhar terreno, ameaçando a fauna e a flora do lugar. O certo é que o sapo-comum-asiático (*Duttaphrynus melanostictus*) já está em Madagascar pelo menos desde 2014. Nesse ano, pela primeira vez, foi ali detetado, fazendo soar os alarmes. Então, um grupo internacional de investigadores, do qual faz parte o biólogo português Gonçalo Rosa, lançou mão da genética para traçar a origem do sapo invasor e avaliar a sua capacidade de dispersão naquela ilha do Índico. A possibilidade de aquele anfíbio causar ali um desastre ambiental é mesmo real, alertam os cientistas.

Graças ao estudo genético que fizeram no terreno, e que publicaram agora na revista científica *Amphibia-Reptilia*, os investigadores concluíram que o sapo-comum-asiático que aportou a Madagascar tem origem no grupo populacional que existe no Camboja e Vietname. Somando dois e dois, como a cidade vietnamita de Ho Chi Min tem um grande porto marítimo, de onde saem regularmente cargueiros com destino a Madagascar, tudo indica que foi como passageiro de um desses navios que o anfíbio invasor ali chegou.

Por causa disso, há agora um risco sério de ocorrer ali um desastre



O sapo-comum-asiático já chegou às zonas habitadas da ilha

ambiental. Madagascar é um dos locais do mundo com maior biodiversidade, com 90% de espécies, entre animais e plantas, únicas no mundo. Se algumas delas se extinguirem, desaparecem pura e simplesmente do planeta, porque não existem em mais lado nenhum.

“Existe o receio de que a história australiana se repita”, alerta Gonçalo Rosa, investigador do Centro de Ecologia, Evolução e Mudanças Ambientais (CE3C) do Reino Unido e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), e um dos cientistas do estudo. Na Austrália, sublinha o biólogo português, citado num comunicado da FCUL, “foi a introdução do sapo-da-cana (*Rhinella marina*), uma espécie próxima deste sapo asiático, [para ser] usado para controlo de pragas agrícolas, que se tornou uma amea-

ça séria à fauna nativa”. As fêmeas daquela espécie, “tal como as do sapo-comum-asiático, podem pôr mais de 20 ou 30 mil ovos, acabando por encontrar poucas barreiras à sua dispersão pelo país”, explica o biólogo.

Eradicar o anfíbio, agora que ele já se instalou, não é tarefa fácil, acrescenta mais um fator de incerteza à equação, mas é a direção certa a tomar, para se evitarem situações ecológicas descontroladas. “Várias espécies de serpentes podem preda este animal [o sapo asiático] e morrer intoxicadas, sendo que elas têm um papel crucial no controlo de ratos, que por si só são um enorme problema económico e de saúde pública em Madagascar”, esclarece Gonçalo Rosa.